

Afinal, o que são estratégias de aprendizagem de línguas? ¹

After all, what are language learning strategies?

Márcio Luiz Correa Vilaça²

RESUMO: Este artigo apresenta diferentes definições de estratégias de aprendizagem, com o foco em pesquisas em Linguística Aplicada e Educação. As definições são organizadas com base na cronologia das publicações. Pretende-se com este trabalho proporcionar melhor compreensão sobre este tema, que é amplamente estudado no ensino de línguas estrangeiras.

Palavras chave: estratégias de aprendizagem, definição, linguística aplicada

ABSTRACT: This article presents different definitions of learning strategies, with a focus on studies and research in Applied Linguistics and Education. The definitions are organized based on the chronology of the published works. It aims at providing a better understanding of this topic, which is widely studied in foreign language learning.

Keywords: learning strategies, definition, applied linguistics

1- INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta diferentes definições de estratégias de aprendizagem de línguas. A ordem da apresentação das definições baseia-se nos anos de publicações dos trabalhos referenciados, buscando desta forma proporcionar oportunidade de entendimento sobre possíveis mudanças de abordagens e novas compreensões do assunto. Para auxiliar a compreensão de fatores que contribuíram para a expansão das pesquisas em estratégias, alguns aspectos históricos serão brevemente apontados. As traduções aqui apresentadas foram realizadas pelo autor do artigo.

Podemos encontrar na literatura uma grande variedade de definições para as estratégias de aprendizagem. Isto, no entanto, não representa fragilidade do conceito, mas flexibilidade, o que reforça a defesa de que os estudos e pesquisas em estratégias podem ser desenvolvidos por meio de uma grande diversidade de metodologias e fundamentadas ou analisadas por diferentes teorias de aprendizagem de línguas (GRIFFITHS e PARR, 2001; CHAMOT, 2005).

¹ Adaptado da tese de doutorado em Letras do autor.

² Doutor em Estudos Linguísticos, UFF, e professor adjunto da UNIGRANRIO.

Os estudos iniciais sobre estratégias de aprendizagem na aprendizagem de línguas estrangeiras, na década de 60, estavam inicialmente ligados a pesquisas em Psicologia, especialmente em trabalhos de orientação cognitivista (WENDEN, 1985 e 1991; O'MALLEY e CHAMOT, 1990; HISMANOGLU, 2000; RUIZ e GARCÍA, 2005).

Influenciados por novas teorias e por modelos de pesquisas destas novas áreas, autores passaram a defender que diferentes fatores, além dos cognitivos, deveriam ser discutidos e pesquisados (OXFORD, 1990, 1994 e 2003; COHEN, 1998; 2002, ELLIS, 2000; CHAMOT, 2004 e 2005). Isto fica mais evidente a partir da década de 90.

O interesse e a valorização, por parte dos pesquisadores, de elementos sociais, interacionais, contextuais, afetivos e de identidade, entre outros, representam alguns dos sinais de transformações dos estudos de estratégias de aprendizagem, permitindo que o assunto seja abordado e pesquisado em diferentes metodologias e teorias de ensino/aprendizagem, conforme defendem Oxford (1990), Griffiths e Parr (2001) e Chamot (2004), entre muitos outros.

Apesar das estratégias de aprendizagem serem estudadas em diversos campos da Educação, este trabalho focalizará a área de Linguística Aplicada, mais especificamente a aprendizagem de línguas estrangeiras.

No campo de estratégias de aprendizagem dentro da Linguística Aplicada destacam-se, entre outros, os trabalhos de Rubin (1975, 1987), Wenden e Rubin (1987), Wenden (1991); Oxford (1990, 1994, 2001, 2002), O'Malley e Chamot (1990) e Cohen (1998, 2000, 2002, 2003). Esta afirmação se fundamenta no fato de serem publicações frequentemente citadas e tomadas como referência no campo³.

2- O TERMO “ESTRATÉGIA”

Na literatura, podemos encontrar diferentes termos sendo empregados para definir ou caracterizar as estratégias de aprendizagem. Alguns destes termos são: *passos* (RUBIN, 1975, p. 43; OXFORD, 1990, p. 1), *abordagens* (ELLIS, 2002, p.76), *ações* (OXFORD, 1990, p. ix), *métodos* (BROWN, 1994), *comportamentos* (O'MALLEY e CHAMOT, 1990, p. 1),

³ Fato fácil de ser constatado em pesquisas e publicações estrangeiras e brasileiras, tais como Paiva (1998); Williams e Burden (1999); Ellis (2000); Brown (2001); Almeida (2002); Griffiths (2004), Cardoso (2005), Araújo-Silva (2006), entre muitos outros.

pensamentos (O'MALLEY e CHAMOT, 1990, p. 1), *atividades* (ELLIS, 2000, p. 529), *processos* (NUNAN, 1995, p. 168; COHEN, 1998, p. 5), *ferramentas* (OXFORD, 1990, p. 1), *dispositivos* (RUBIN, 1975, p. 43) e *técnicas* (ELLIS, 2002, p. 76). O quadro seguinte auxilia a compreender a questão terminológica envolvendo as estratégias de aprendizagem:

Quadro comparativo de termos empregados por diferentes autores nas definições de estratégias e para se referirem as mesmas

Termos	Rubin (1975)	O'Malley e Chamot (1990)	Oxford (1990)	Cohen (1998)	Ellis (2000)	Brown (1994)	Wenden (1987)
Ações				✓			
Atividades					✓		
Comportamentos		✓					✓
Dispositivos	✓						
Ferramentas			✓				
Métodos						✓	
Modos de operação		✓					
Passos			✓			✓	
Pensamentos		✓					
Processos				✓			
Técnicas	✓			✓			

Fonte: VILAÇA (2003, p. 156)

Esta diversidade de termos empregados, ora para definir as estratégias, ora como sinônimo para as mesmas, pode gerar obstáculos para a compreensão do conceito de estratégias (COHEN, 1998; VILAÇA, 2003; GRIFFITHS, 2004).

Griffiths (2004) aponta que a opção pelo termo *estratégia*, em grande parte, se deve ao trabalho de Joan Rubin (1975) e à popularidade que o termo atingiu na literatura de ensino-aprendizagem de línguas, especialmente após as publicações de Wenden e Rubin (1987); O'Malley e Chamot (1990); Oxford (1990); e Wenden (1991).

Definir uma palavra, um termo técnico ou uma disciplina, geralmente se revela uma tarefa complexa e perigosa. Neste presente trabalho, discutiremos diferentes definições e concepções de estratégia, de forma a tentar enriquecer a compreensão sobre as mesmas.

Williams e Burden (1999, p. 145) afirmam que, em parte, a definição e a classificação de estratégias são difíceis, uma vez que termos como *habilidades*, *estratégias*,

processos executivos, microestratégias e macroestratégias são empregados de formas diferentes por diversos pesquisadores. Os autores reforçam, portanto, a grande diversidade de termos adotados para definir e se referir às estratégias.

3- DEFINIÇÕES DE ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

A apresentação das definições de estratégias no presente trabalho seguirá, prioritariamente, a ordem cronológica das publicações dos trabalhos citados. Isto visa a possibilitar a melhor compreensão de possíveis evoluções nas definições, nos conceitos, nas características e nos objetivos atribuídos às estratégias. Dessa forma, serão privilegiadas as publicações de grande repercussão no campo de estratégias de aprendizagem e no ensino de línguas estrangeiras. Esta repercussão se evidencia no grande número de trabalhos e publicações nos quais tais definições são citadas e discutidas.

Iniciando esta abordagem diacrônica de apresentação, a primeira definição a ser citada é a de Rubin (1975, p. 43), na qual a autora afirma que as estratégias são “técnicas ou dispositivos que o aluno emprega para adquirir conhecimento”. Embora esta definição possa ser considerada muito genérica, conforme apontado por Coscarelli (1997), ela não poderia deixar de ser citada devido à importância dada por pesquisadores ao estudo inicial de Rubin sobre estratégias.

Segundo Coscarelli (1997, p. 2), a conceituação de Rubin permite “abarcando tudo o que se entende por estratégia”. Nesta breve definição, Rubin (1975) destaca o papel das estratégias para a aquisição de conhecimento. A relação entre as estratégias de aprendizagem e a aquisição de conhecimento pode ser entendida como uma contribuição da Psicologia Cognitiva.

Segundo O'Malley e Chamot (1990, p. 1), estratégias de aprendizagem são “pensamentos ou comportamentos especiais que os indivíduos usam para ajudá-los a compreender, aprender ou reter nova formação.” Os pesquisadores comentam ainda que “as estratégias de aprendizagem são modos especiais de processamento de informações que melhoram a compreensão, a aprendizagem, ou retenção de informações.”

Desta forma, podemos considerar as estratégias como comportamentos e processos mentais, ou pensamentos, que os alunos empregam para a aprendizagem. Assim, como na

definição de Rubin (1975), fica clara aqui a estreita relação entre as estratégias e a aprendizagem.

De acordo com Oxford (1990, p. 1),

Estratégias de aprendizagem são passos dados pelos estudantes para melhorar sua aprendizagem. As estratégias são especialmente importantes na aprendizagem de línguas porque elas são ferramentas para um envolvimento ativo e autodirigido, o que é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa. Estratégias de aprendizagem de línguas apropriadas resultam em proficiência aperfeiçoada e maior autoconfiança.

Elas são, portanto, ações ou comportamentos específicos empregados pelos alunos para a apreensão, internalização e uso da segunda língua⁴.

A autora considera que as estratégias são instrumentos que contribuem para a aprendizagem, permitindo a mediação entre o aluno (sujeito da aprendizagem) e a língua em processo de aquisição/aprendizagem ou uso (objeto da aprendizagem).

A definição de Oxford, especialmente a apresentada no trabalho citado (OXFORD, 1990), é a definição de estratégias mais citada na literatura.

O'Malley e Chamot (1990) e Oxford (1990) defendem, com as definições apresentadas, a natureza mediadora e instrumental das estratégias. É importante destacar o caráter mediador das estratégias entre o aluno e a aprendizagem de uma língua, já que as estratégias visam a possibilitar, facilitar ou acelerar a aprendizagem e o uso de uma língua.

O caráter instrumental das estratégias, segundo os autores, está mais diretamente relacionado à capacitação para a resolução de tarefas e solução de problemas. Além disso, as estratégias atuam como ferramentas que facilitam ou viabilizam a comunicação em situações reais de interação e uso da língua.

Outro aspecto comum entre as definições de O'Malley e Chamot (1990) e Oxford (1990) é o emprego do termo *segunda língua*. Nas publicações citadas, o termo *segunda língua* é empregado de forma ampla, tanto para se referir à segunda língua quanto à língua estrangeira. Este uso não diferenciado é comum na literatura, como nos relata Ellis (2002). No entanto, convém destacar aqui, conforme apontado por Oxford (2001), que a maioria dos estudos de estratégias de aprendizagem ocorre em contextos de aprendizagem de segunda

⁴ A autora se refere tanto à segunda língua quanto à língua estrangeira

língua, contextos nos quais o aprendiz tem maior contato com a língua e, conseqüentemente, maior possibilidade de empregar estratégias, em especial em situações comunicativas.

Wenden (1991, p. 18) afirma que as estratégias são “passos e operações mentais que os aprendizes empregam para aprender uma nova língua para regular seus esforços para isto”. A autora enfatiza a relação entre estratégias e a aprendizagem autônoma. Wenden defende que as estratégias são orientadas por problemas. A pesquisadora argumenta ainda que as estratégias podem ser observáveis ou não.

Segundo Brown (1994, p. 104), “as estratégias são métodos específicos de se abordar um problema ou uma tarefa”. Com esta definição, o autor defende, assim como Oxford e O’Malley e Chamot, que as estratégias são empregadas para a resolução de problemas. Tais problemas podem estar relacionados à aprendizagem ou ao uso comunicativo da língua.

Quanto às funções das estratégias, Brown (1994) sinaliza que, entre outras, as estratégias estão relacionadas à resolução de um problema, planejamento, controle e manipulação de uma informação. Brown (1994 e 2001) aponta que o emprego de estratégias está orientado à obtenção de um fim específico.

Partindo das funções citadas, podemos concluir que as estratégias são empregadas não apenas para a obtenção de conhecimento, mas também para a ativação do conhecimento prévio do aluno, visão compartilhada por O’Malley e Chamot (1990), Cohen (1998), Oliveira e Chadwick (2004), entre outros.

As definições até aqui apresentadas ressaltam que o emprego de estratégias de aprendizagem está relacionado, direta e indiretamente, à resolução de tarefas ou problemas, visão amplamente defendida na literatura (RUBIN, 1975; WENDEN, 1987a e 1987b; OXFORD, 1990, 2001 e [2001] 2004; COHEN, 1998; ELLIS, 2000 e 2002, CHAMOT, 2005). Em termos gerais, estes problemas podem estar relacionados à aprendizagem, comunicação ou interação.

Cohen (1998) apresenta uma definição bastante completa para as estratégias de aprendizagem. Segundo o especialista, as estratégias podem ser definidas como:

...processos que são conscientemente selecionados pelos aprendizes e que podem resultar em ação tomada para aperfeiçoar a aprendizagem ou uso de uma língua segunda língua ou língua estrangeira, através do armazenamento, retenção, retorno e aplicação de informação sobre aquela língua.

(COHEN, 1998, p. 4)

O uso consciente das estratégias de aprendizagem é um dos diferenciais da definição de Cohen. Para o pesquisador, apenas os processos conscientes devem ser considerados como estratégias. Cohen reconhece, entretanto, que o uso consciente ou inconsciente das estratégias representa uma das questões problemáticas do campo⁵ (COHEN, 1996 e 1998). Isto se deve ao fato de que, para alguns autores (OXFORD, 1990; ELLIS, 2000, por exemplo), as estratégias podem ser selecionadas e empregadas tanto consciente quanto inconscientemente.

Em diferentes publicações, Cohen defende que é a consciência o fator que diferencia as estratégias de outros procedimentos e comportamentos “*não estratégicos*” dos alunos (COHEN, 1996, 1998 e 2003, por exemplo).

Apesar de considerar a consciência um fator que distingue entre as estratégias de outros procedimentos, o autor reconhece que muitas vezes a aluno só apresenta consciência parcial do que faz (COHEN 1998).

Ellis (2000, p. 529) define as estratégias como “atividades mentais e comportamentais relacionadas a algum estágio específico no processo geral da aquisição de uma língua ou uso de uma língua”. O autor afirma que as estratégias podem ser empregadas tanto para a aprendizagem quanto para o uso de línguas, posição amplamente discutida e defendida na literatura (COHEN, 1998; ELLIS, 2002; CHAMOT, 2005).

Ellis (2000 e 2002) salienta que, no que se refere à forma de realização, as estratégias podem ser comportamentais e mentais. Esta posição está de acordo com visão de Wenden (1991) apresentada anteriormente.

Pozo (2002, p. 235) afirma que “as estratégias são procedimentos que se aplicam de modo controlado, dentro de um plano projetado deliberadamente com o fim de conseguir uma meta”. A afirmação do autor defende o caráter consciente das estratégias e que o emprego da mesma ocorre de forma deliberada, ou seja, após planejamento prévio e tomada de decisão. Pozo considera que as estratégias são compostas por técnicas ou habilidades, também chamadas de microestratégias.

⁵ O autor discute nas publicações indicadas que alguns aspectos teóricos e práticos não são vistos de forma harmônica entre os pesquisadores na área. Dentre os pontos de diversidade, o papel da consciência merece destaque.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho privilegiou a apresentação de definições de alguns dos autores mais citados na literatura especializada em ensino de língua inglesa. A referência a alguns especialistas em Educação teve por finalidade salientar que as estratégias podem ser analisadas de forma bastante abrangente.

Em termos teóricos, as estratégias de aprendizagem são apresentadas na literatura especializada como ações, processos e comportamentos, tanto de naturezas interpessoais e intrapessoais, que são empregados consciente ou inconscientemente para a aprendizagem e o uso de uma língua.

No que se refere à sua funcionalidade, as estratégias são empregadas por aprendizes e falantes de forma a possibilitar, facilitar ou acelerar a aprendizagem de uma língua, assim como para contribuir para o processo de comunicação na língua-alvo.

O reconhecimento de um procedimento como de natureza estratégica depende da amplitude da definição do autor em foco. Oxford (1990), uma obra central na área, por exemplo, ilustra mais de 60 estratégias.

Convém apontar que diversas discussões pertinentes sobre o tema, como, por exemplo, a questão da consciência, as diferentes classificações e o ensino de estratégias, não foram abordadas por exigirem trabalhos específicos dedicados às mesmas. Por fim, acredito que o presente trabalho possa orientar para a leitura de obras de referência na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO-SILVA, G. B. Estratégias de aprendizagem em sala de aula: um estudo com formandos de Letras. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria. 2006

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice-Hall, 1994.

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

CARDOSO, J, S. As estratégias de aprendizagem: eficácia e autonomia na compreensão oral. (Tese) Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2005.

CHAMOT, A. U. Issues in Language Learning Strategy Research and Teaching. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol.1 No. 1 pp: 14-26, 2004.

CHAMOT, A. U. Language Learning Strategy Instruction: Issues and Research. *Annual Review of Applied Linguistics* Vol. 25 Cambridge University Press, 2005.

COHEN, A. D. *Strategies in learning and using a second language*. London: Longman, 1998.

COHEN, A. D. Strategy training for second language learners. *ERIC Digest*, August, 2003.

COSCARELLI, C. J. Estratégias de Aprendizagem de Língua Estrangeira: uma breve introdução. *Educação e Tecnologia*. Belo Horizonte: CEFET-MG, V. 4, n. 4 p. 23-29, jan/jul, 1997.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Sétima impressão. New York: Oxford University Press, 2000.

ELLIS, R. *Second language acquisition*. New York: Oxford University Press, 2002.

GRIFFITHS, C. e PARR, J. M. Language-learning strategies: theory and perception. *ELT Journal*. Volume 55/3 July 2001. (247-254)

HISMANOGLU, M. Language Learning Strategies in Foreign Language Learning and Teaching. *The Internet TESL Journal*. Vol. 5 N. 8, 2000.

NUNAN, D. *Language teaching methodology: a textbook for teachers*. Nova York e Londres: Phoenix ELT, 1995.

O'MALLEY, J.; CHAMOT, A. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OLIVEIRA, J. B. A. ; CHADWICK, C. *Aprender e ensinar*. 6ª Ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

OXFORD, R. *Language learning strategies: what every teacher should know*. New York: Newbury House Publishers, 1990.

OXFORD, R. L. Language Learning Styles and Strategies. In: CELCE-MURCIA, M. *Teaching English as a second or foreign language*. Third Edition. London: Heinle Heinle - Thomson Learning, 2001.

OXFORD, R. Language learning strategies in a nutshell: Update and ESL suggestions. In: RICHARDS, J. C. e RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

OXFORD, R. "Individual differences among your ESL students: why a single method can't work", *Journal of Intensive English Studies*, 7 (Spr.-Aut.): 27-42, 2003.

OXFORD, R. Language learning strategies. In: CARTER, R. e NUNAN, D.[2001] *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004.

PAIVA, V.L.M.O. Estratégias individuais de aprendizagem de língua inglesa. *Letras e Letras*. V. 14, n. 1, jan./jul. 1998. p. 73-88

POZO, J. I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUBIN, J. What the "good language learner" can teach us. *TESOL Quarterly* 9: 41-51, 1975.

RUBIN, J. Learner strategies: theoretical assumptions, research history and typology. In: WENDEN, A ; RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987.

RUIZ, M. R. e GARCÍA, E. G. M Las Estrategias de Aprendizaje y Sus Particularidades en Lenguas Extranjeras. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, No. 36/4 , 2005.

VILAÇA, M. L. C. As estratégias de aprendizagem na aprendizagem de línguas estrangeiras. IN: SILVA, I. A.(orgs) *Caderno de Letras 20- O Senhor das Linguagens*. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

WENDEN, A ; RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987.

WENDEN, A. Learner Strategies. *Tesol Newsletter* 19 (5): 1-7., 1985.

WENDEN, A. Conceptual background and utility. IN: WENDEN, A & RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987a.

WENDEN, A. Entrevista. *Linguagem & Ensino*, Vol. 5, No. 2, 2002 (141-164)

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. L. *Psychology for language teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Recebido em 15 de novembro de 2011.

Aceito em 04 de dezembro de 2011.